



Competitividade das exportações brasileiras de carne suína (1999-2017)

Leticia Favaretto

Discente do Curso de Graduação em Ciências Econômicas, UFSM e Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq. E-mail: leticiafavaretto18@gmail.com

Juliana Favaretto

Discente do Curso de Graduação em Ciências Econômicas, UFSM. E-mail: julianafavaretto07@hotmail.com

Elisangela Gelatti

Discente do Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento, UFSM e Bolsista de Mestrado da CAPES. E-mail: elisangelagelatti@hotmail.com

Daniel Arruda Coronel

Professor Associado do Curso de Graduação em Ciências Econômicas e dos Programas de Pós-Graduação de Economia e Desenvolvimento, Gestão de Organizações Públicas e Agronegócios da UFSM e Bolsista de Produtividade do CNPq, UFSM. E-mail: daniel.coronel@uol.com.br

Data da submissão: 10/01/2019

Data de aceite: 20/02/2019

RESUMO:

Este trabalho objetivou analisar a competitividade das exportações brasileiras de carne suína no período de 1999 a 2016. Neste sentido, utilizaram-se os indicadores de competitividade do comércio internacional: Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), Orientação Regional (IOR) e Taxa de Cobertura (TC). Os dados para o cálculo desses índices foram coletados na Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria e Comércio (SECEX/MDIC). O Índice de Vantagem Comparativa Revelada mostrou que as exportações brasileiras apresentaram vantagem comparativa em todo o período analisado, sempre com valor maior que a unidade, e o Índice de Orientação Regional indicou que as exportações estão orientadas para Rússia, Singapura e Hong Kong. Na análise da taxa de cobertura, fica evidente a superioridade das exportações em relação às importações de carne suína. Esses índices corroboram para a conclusão de que a carne suína brasileira é competitiva frente ao mercado internacional.

Palavras-chave: Carne Suína. Vantagens Comparativas Reveladas. Competitividade.

Competitiveness of Brazilian exports of pork (1999-2017)

ABSTRACT:

This paper aimed to analyze the competitiveness of Brazilian exports of pork in the period from 1999 to 2016. In this sense, we used competitiveness indicators of international trade: Revealed Comparative Advantages (RCA), Regional Orientation (RO) and Coverage Rate (CR). The data for the calculation of these indexes were collected in Secretariat of Foreign Trade of the Ministry of Industry and Trade (Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria e Comércio - SECEX/MDIC). The Revealed Comparative Advantage Index showed that the Brazilian exports presented comparative advantage in throughout the whole analyzed period, always with a value greater than the unit and the Regional Orientation Index indicated that the exports are oriented for Russia, Singapore and Hong Kong. In the coverage rate analysis, it is evident the superiority of exports in relation to the imports of pork. These indexes corroborate for the conclusion that the Brazilian pork is competitive before the international trade.

Keywords: Pork; Revealed Comparative Advantages; Competitiveness.

1 INTRODUÇÃO

O complexo brasileiro de carnes é um dos mais dinâmicos e diversificados do mundo, e os principais ramos são os bovinos, os suínos e as aves, sendo o país o maior exportador mundial de carne bovina e de frango, ocupando o quarto lugar na exportação e produção de suínos de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA, 2018). Nos últimos anos, o Brasil consolidou-se como um dos grandes fornecedores de proteína animal para o mundo. A maior parte da produção brasileira de carnes é destinada ao mercado interno, mas suas exportações vêm crescendo gradualmente, ganhando espaço com um grande número de países compradores.

Neste sentido, destaca-se a produção de carne suína, sendo destinada aproximadamente cerca de 80,4% para o mercado interno. Entretanto, ainda assim, o país é um grande exportador mundial, principalmente para os países como Rússia, Singapura, China e Hong Kong. As exportações brasileiras de carne suína representam 9% das exportações mundiais (ABPA, 2017).

O sucesso do Brasil no mercado internacional da carne suína é resultado da melhora da qualidade da carne suína nos últimos anos, com a valorização dos aspectos nutricionais, a diminuição da gordura e a eficiência no sistema de vigilância sanitária, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2017). Outras questões podem ser levadas em consideração, como a “vasta extensão territorial, disponibilidade de recursos hídricos, recursos humanos e tecnologia, que garantem vantagens comparativas, preços mais competitivos e produção em escala, capaz de manter uma produção crescente em termos quantitativos e qualitativos para suprir as necessidades dos consumidores internos e externos” (LIMA et al, 2012, p.3).

A carne suína apresenta benefícios à saúde humana, contribui para a segurança alimentar, como uma das proteínas mais consumidas no mundo, conforme a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2012). Diante da importância do papel da carne suína em gerar divisas para a economia brasileira e para o setor agroexportador, o presente trabalho tem por objetivo analisar a competitividade das exportações brasileiras de carne suína no período de 1999 a 2016.

Para tal, serão utilizados os seguintes indicadores de comércio internacional: Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), Orientação Regional (IOR) e Taxa de Cobertura (TC),

A importância deste trabalho é verificada pelo atual cenário competitivo internacional em que o Brasil está inserido, tendo em vista que a carne suína é a proteína mais consumida no mundo e que o Brasil configura-se entre os maiores produtores e exportadores. A análise dos indicadores de competitividade do país neste setor servirá para entender com maior acuidade a dinâmica e a inserção do Brasil neste mercado.

O artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na seção dois, é apresentado o referencial teórico, onde serão discutidas as principais teorias do comércio internacional; na seção três, são apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa; na seção quatro, analisam-se e discutem-se os resultados; e, na seção cinco, são apresentadas as conclusões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O comércio internacional é considerado “fator fundamental para o desenvolvimento e competitividade dos países. Essa concepção vem desde a origem da economia clássica e está presente na maioria das análises dos teóricos econômicos nos dias atuais” (RUBIN et al, 2012, p.29). A existência de comércio entre as nações, a partir dos fundamentos básicos como padrão de comércio, preços, importações, exportações e política comercial, é importante para entender a teoria do comércio internacional.

Adam Smith, em seu livro “A Riqueza das Nações”, de 1776, apresentou o princípio da Vantagem Absoluta, em que considera que, “quando uma nação é mais eficiente do que outra na produção de uma commodity, porém é menos eficiente do que outra nação na produção de uma segunda commodity ambas nações podem se beneficiar especializando-se na produção da commodity em que tem vantagem absoluta” (SALVATORE, 1998, p.20).

David Ricardo, em Princípios de Economia Política e Tributação, de 1817, apresentou o conceito de Vantagens Comparativas, onde demonstrou que o comércio internacional era benéfico para os países mesmo se um determinado país pudesse produzir mais eficientemente, em relação aos demais, todos os produtos que consome (COLLE et al, 2014). Ricardo reconhece que um país tende a alocar seus recursos para a sua utilização mais produtiva. Sendo assim, uma nação pode, portanto, importar um produto mesmo quando possui o menor custo de produção daquele bem, trazendo vantagens mútuas para ambos os países.

O modelo ricardiano pressupõe que o comércio internacional se deve somente a diferenças internacionais na produtividade do trabalho, entretanto, os economistas suecos Eli Heckscher e Bertil Ohlin sugerem que o comércio é condicionado pelas diferenças entre os recursos dos países, essa é a chamada teoria de Heckscher-Ohlin, ou teoria das proporções dos fatores. Esta teoria é conhecida também como teorema neoclássico do comércio internacional e “reflete o fato de que qualquer país tende a exportar mercadorias que usam quantidades relativamente altas de seus fatores de produção mais abundantes (GONÇALVES, 2014, p.5)”.

Como forma de mensurar o desempenho e as vantagens dos países em termos de comércio, foram formulados indicadores visando a uma aplicação prática,

considerando a necessidade crescente de medir e explicar a competitividade internacional. Assim Balassa (1965) propôs a Teoria das Vantagens Comparativas Reveladas, com o objetivo de identificar para quais *commodities* um país apresenta vantagem competitiva na sua produção e na exportação.

Recentemente, novas abordagens sobre o comércio internacional vêm sendo desenvolvidas para dar maior visibilidade à realidade e consistência analítica aos modelos teóricos, com o objetivo de analisar o comércio entre as nações devido aos avanços tecnológicos e às diversas formas de integração econômica que vêm ocorrendo na comercialização entre as nações.

Existem diversos métodos para medir as vantagens competitivas de um país em determinado setor e comparar seu desempenho com o dos demais concorrentes no mercado externo. No presente trabalho, optou-se pelo cálculo das Vantagens Comparativas Reveladas, devido a sua capacidade de apresentar o comportamento das exportações da carne suína e mostrar sua evolução e competitividade frente ao mercado em que está inserida.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, são apresentados os três indicadores utilizados nesse estudo, ou seja: Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR), Orientação Regional (IOR) e Taxa de Cobertura (TC).

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) foi apresentado inicialmente por Balassa (1965), fundamentado na lei das vantagens comparativas proposta por Ricardo. O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas mede a intensidade da especialização do comércio internacional de um país relativamente a uma região ou ao mundo. Este indicador demonstra a condição relativa das exportações de um país/região ao longo do tempo e usa o peso de um determinado setor nas exportações mundiais para normalizar o peso das exportações desse mesmo setor para cada país ou região.

Assim, o indicador de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) é apresentado pela Equação (1):

$$IVCR_{ij} = (X_{ij}/X_i) / (X_{zj}/X_z) \quad (1)$$

Em que:

X_{ij} : representa o valor das exportações brasileiras do produto j ;

X_i : representa o valor total das exportações brasileiras;

X_{zj} : representa o valor das exportações mundiais do produto j ;

X_z : representa o valor total das exportações mundiais;

i : exportações brasileiras;

z : exportações mundiais;

j : carne suína.

O índice varia de zero a infinito. Se o resultado for maior que 1, o país apresenta vantagem comparativa revelada para as exportações de carne suína. Se o resultado for menor que 1, o país não apresenta vantagem comparativa revelada para as exportações de carne suína. Quanto maior for o índice, maior a vantagem comparativa do país. Sendo o resultado igual a 1, tem-se um ponto de equilíbrio no comércio.

O Índice de Orientação Regional (IOR) se baseia nos estudos de Yeats (1997) e é expresso pela Equação (2):

$$IOR = (X_{rj}/X_{tr}) / (X_{oj}/X_{to}) \quad (2)$$

Em que:

X_{rj} = valor das exportações brasileiras do produto j ;

X_{tr} = valor total das exportações brasileiras intrabloco;

X_{oj} = valor das exportações brasileiras do produto j extrabloco;

X_{to} = valor total das exportações brasileiras extrabloco; e

j = carne suína.

Da mesma forma, o índice varia de zero a infinito. Se o resultado for 1, existe uma mesma tendência para exportar o produto para membros intrabloco e extrablocos. E se os valores forem crescentes ao longo do tempo, existe uma tendência para exportar mais intrabloco.

O último indicador utilizado é a Taxa de Cobertura (TC), que é usada para correlacionar as exportações e as importações de determinado bem. De acordo com Bittencourt et al (2012), quando o resultado é maior que 1, as exportações superam as importações, ou seja, o produto contribui para o superávit da balança comercial. Quando o resultado for menor que 1, as importações superam as exportações, ou seja, o produto contribui para o déficit da balança comercial. Deste modo, o Índice é obtido através da Equação (3):

$$TC_i = X_{rj} / M_{rj} \quad (3)$$

Em que:

X_{rj} = valor das exportações brasileiras do produto j ;

M_{rj} = valor das importações brasileiras do produto j .

3.1 FONTE DE DADOS

Na análise das exportações brasileiras de carne suína de 1999 a 2017, o presente estudo utilizou dados do Sistema para Consulta e Extração de Dados do Comércio Exterior Brasileiro (COMEXSTAT), obtidos através do Sistema Integrado de Comércio Exterior (SISCOMEX) e baseados na declaração de exportadores e importadores. Para obter dados referentes às exportações mundiais de carne suína e mundiais totais, utilizaram-se os sites da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO) e The World Bank.

Assim, para os dados da carne suína que foram coletados no site COMEXSTAT, utilizou-se a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) de oito dígitos, especificada a seguir: carcaças e meias-carcaças de suíno, frescas ou refrigeradas (0203.11.00) e (0203.12.00), outras carnes de suíno, frescas ou refrigeradas (0203.19.00), carcaças e meias-carcaças de suíno, congeladas (0203.21.00), pernas, pás e pedaços não desossados de suíno, congelados (0203.22.00) e, por fim, outras carnes de suíno congeladas (0203.29.00).

No estudo do indicador de orientação regional, analisou-se a orientação das exportações de carne suína para Rússia, Hong Kong e Singapura, pois esses três países foram os maiores compradores da carne suína brasileira durante o período de 1999 a 2017. A China vem se destacando entre os maiores importadores da carne suína do

Brasil a partir de 2015, sendo assim, não está inserida na análise de orientação regional, pois, em anos anteriores, as exportações foram pouco orientadas para este país.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DO MERCADO DA CARNE SUÍNA

No mercado mundial de exportação e produção da carne suína, o Brasil ocupa a quarta colocação, ficando atrás da União Europeia, dos EUA e do Canadá (USDA, 2017). Em 2017, foram exportadas mais de 697 mil de toneladas (Figura 1), correspondendo a 9% do total das exportações mundiais, obtendo uma receita de US\$ 1.626 milhões em relação ao ano anterior, quando a receita foi de US\$ 1.483 Milhões, significando um aumento de 9,6% (ABPA, 2018).

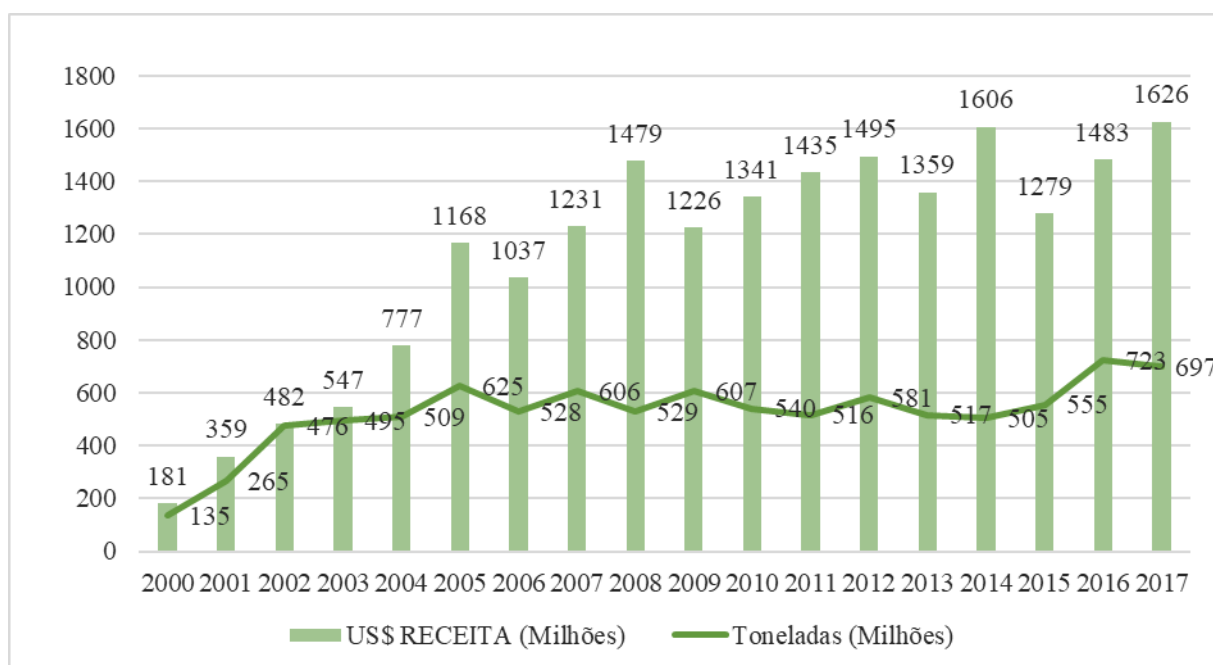


Figura 1 - Exportações brasileiras de carne suína (2000-2017)

Fonte: ABPA (2018).

Os principais destinos da carne brasileira suína para o mercado internacional em 2017 (Figura 2) foram Rússia, Hong Kong, China, Singapura e Argentina. Destaca-se a Rússia, principal parceiro comercial e cujas importações representaram 37% (259 mil toneladas) do total no ano de 2017, seguindo por Hong Kong com 22% (ABPA, 2018).

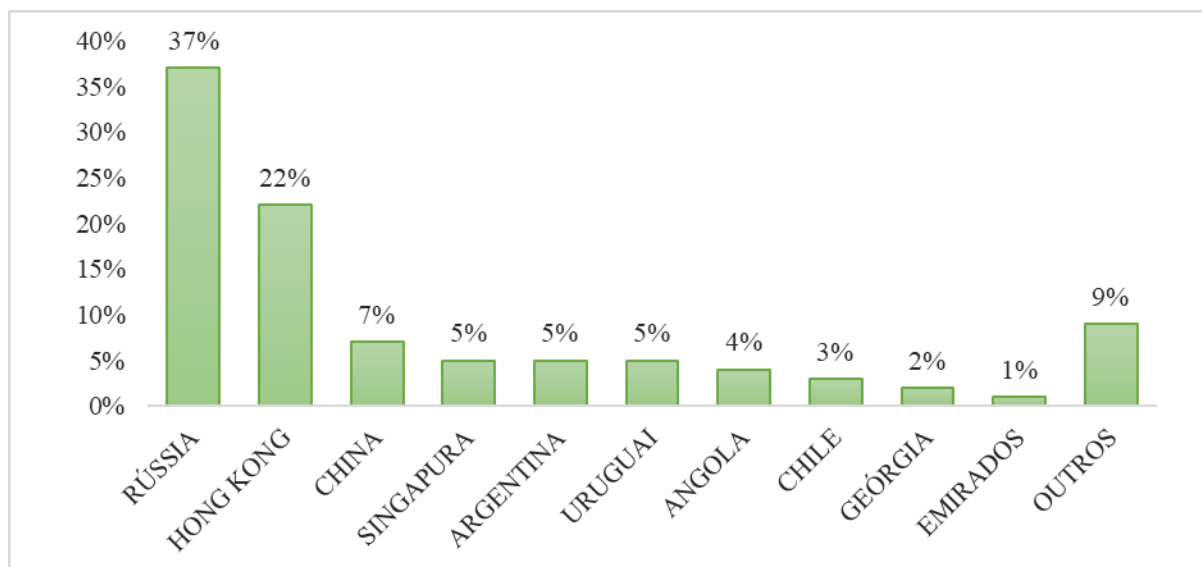


Figura 2- Principais destinos das exportações de carne suína em 2017.

Fonte: ABPA (2018).

Os produtos derivados da carne suína presentes na pauta exportadora brasileira para estes países são cortes de carne (83,63%), miúdos (10,81%), preparações e gorduras (2,33%), carcaça (1,40%), embutidos (1,37%), entre outros (0,46%). Cortes é o principal produto exportado, configurando 582 mil de toneladas em 2017, visto que é embalado e destinado ao consumidor final sem a necessidade de novo beneficiamento ou processamento, indicando a agregação de valores sobre a carne suína *in natura*, elevando o valor para o mercado destinado à exportação (ABPA, 2017).

No mercado interno, a carne suína está presente na mesa de milhares de brasileiros. O mercado interno é responsável pelo consumo de 80,4%, ou seja, aproximadamente 2.900 mil. de toneladas do total produzido, com um consumo per capita de 14,7 Kg/Hab, expressando a importância da carne suína para a alimentação humana (ABPA, 2018). Além dos benefícios para a saúde, qualidade de vida e segurança alimentar, a cadeia da carne suína contribui para a geração de renda, empregos, divisas e inserção ao mercado internacional.

A relevância da carne suína tanto para o mercado internacional como para o mercado interno deve-se ao reconhecimento da qualidade do produto *in natura*. Muito foi investido na evolução genética da espécie por mais de 20 anos, o que reduziu em 31% a gordura da carne, 10% do colesterol e 14% de calorias, tornando a carne suína brasileira mais magra e nutritiva, além de saborosa (LIMA et al, 2012).

As carnes em geral, especialmente a carne suína, são produtos sujeitos à imposição de barreiras técnicas e barreiras fitossanitárias, medidas que fazem parte do conjunto de barreiras não tarifárias (BNTs). Segundo Bellonia (2007), o setor agropecuário é um dos mais afetados por normas técnicas e sanitárias, e a utilização dessas barreiras acaba afetando o desempenho das exportações.

Com o aumento das exportações brasileiras de carne suína, houve aumento da imposição de barreiras fitossanitárias (SPS), que se referem às regulamentações quanto ao uso de pesticidas, resíduos químicos, doenças e pragas; e também houve aumento das barreiras técnicas (TBT), que se referem às regulamentações sobre embalagens, pesos e

medidas. No período de 2009 a 2011, houve um pico de imposição dessas medidas em função da crise financeira mundial e da gripe H1N1 (MENDONÇA et al, 2017).

Ainda de acordo com Mendonça et al (2017), a preocupação com doenças que poderiam causar prejuízos ao ser humano, e a preocupação com a qualidade da carne, refletem o aumento das imposições de medidas aos países exportadores.

4.2 ANÁLISE DOS INDICADORES DE COMPETITIVIDADE

A análise dos resultados da pesquisa trata das vantagens comparativas reveladas das exportações brasileiras de carne suína em relação ao mundo, da orientação regional destas exportações destinadas a Hong Kong, à Rússia e Singapura, e da Taxa de Cobertura, que correlaciona exportações e importações da carne suína brasileira.

4.2.1 Análise Do Índice De Vantagens Comparativas Reveladas

A partir da evolução do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de carne suína de 1999 a 2016 (Tabela 1), identificou-se que, em todo o período analisado, o IVCR foi maior que a unidade, ou seja, o Brasil possui vantagem comparativa em relação ao mercado internacional. Entretanto, a trajetória desse índice é bastante variável, apresentando períodos de aumento e períodos de diminuição das vantagens comparativas.

Tabela 1- Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de carne suína: 1999-2016

Anos	IVCR
1999	1,47
2000	1,92
2001	3,26
2002	4,42
2003	4,35
2004	4,36
2005	5,41
2006	4,43
2007	4,66
2008	4,09
2009	3,81
2010	3,65
2011	3,02
2012	3,30
2013	3,08
2014	3,86
2015	3,95
2016	4,01

Fonte: Elaborado pelos autores

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas da carne suína apresentou valores crescentes de 1999 a 2005. O resultado mais satisfatório obtido do IVCR foi em 2005, ano em que atingiu seu pico, e esse crescimento é reflexo da acentuada expansão das exportações, direcionadas especialmente ao mercado russo e ao Mercosul. Neste período, as exportações brasileiras de carne suína responderam positivamente às medidas de estabilização financeira do Plano Real, quando a desvalorização do real e a liberalização do câmbio, em 1999, contribuíram para alavancar as exportações do país (CASSUCE, 2004).

De 2006 a 2016, observam-se oscilações no índice, devido às exportações apresentarem crescimentos e quedas em anos descontínuos, em que se verifica uma diminuição no crescimento de 9,48%. Com tendência de alta e baixa nas exportações, a partir de 2009, houve uma queda nos índices, em função da crise financeira mundial de 2008, além do surto de gripe suína do período (MENDONÇA et al, 2017).

No entanto, nos anos de 2014 a 2016, pôde-se observar uma recuperação e retomada de crescimento das exportações de carne suína, motivadas por um aumento das exportações para Rússia e Singapura, levando em conta que o mercado interno permaneceu estável. A retomada da participação do Brasil no mercado internacional pode ser associada à competitividade dos produtores brasileiros no atendimento dos requisitos de sanidade e na qualidade reconhecida.

O que impede, porém, um aumento acelerado da exportação da carne suína brasileira no mercado internacional são as restrições sanitárias e tarifárias, principalmente em regiões como a União Europeia, que apresenta uma tendência de maior consumo per capita do mundo. A relação entre as exportações de carne suína e as exportações totais brasileiras foi crescente, e isso implica que as exportações da carne suína cresceram mais que proporcionalmente às exportações totais brasileiras.

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS, 2005), o processo de modernização tecnológica continuará influenciando a produção e a confiança dos consumidores. Neste processo, está incluído o aprimoramento dos sistemas de biossegurança, de sanidade, de qualidade e de segurança alimentar, fatores essenciais para impulsionar o aumento da produção e do consumo, tanto interno como externo.

O IVCR mostra se o país obtém vantagem comparativa nas exportações, no período analisado, e constatou-se que a carne suína apresenta competitividade, indicando que o Brasil está se especializando cada vez mais nas exportações de carne suína, em comparação com as exportações mundiais do produto. Entretanto, este índice não determina para onde as exportações do produto estão orientadas, por isso, torna-se importante a análise do Índice de Orientação Regional (IOR).

4.2.2 Análise do Índice de Orientação Regional (IOR)

O Índice de Orientação Regional (IOR) (Tabela 2) permite analisar se as exportações de determinado produto, nesse caso a carne suína, estão orientadas para determinados países. Para este trabalho, foram escolhidas Rússia, Hong Kong e Singapura, pois são os maiores importadores do produto e, juntos, foram responsáveis por 64% das importações da carne suína em 2017 (COMEXSTAT,2018).

Tabela 2- Índice de Orientação Regional de carne suína exportada para Hong Kong, Rússia e Singapura.

Anos	IOR Rússia	IOR Hong Kong	IOR Singapura
1999	0,03	79,93	0,13
2000	28,43	59,04	0,00
2001	73,94	22,23	2,57
2002	177,51	12,26	2,65
2003	90,27	11,94	9,18
2004	83,77	11,35	6,10
2005	95,92	8,50	4,28
2006	64,03	10,89	8,42
2007	55,79	15,73	7,28
2008	48,63	16,52	4,56
2009	53,45	13,81	7,80
2010	52,80	14,70	9,57
2011	25,93	26,44	5,56
2012	28,53	18,41	5,26
2013	40,60	14,30	9,13
2014	73,49	9,12	4,67
2015	93,32	15,98	5,34
2016	48,83	15,90	3,62
2017	69,24	14,20	4,73

Fonte: Elaborado pelos autores

Com o aumento das vantagens comparativas e a maior inserção nos mercados internacionais, as exportações da carne apresentaram forte crescimento principalmente para o mercado russo.

As exportações para a Rússia apresentaram pouca orientação no ano de 1999. Contudo, a partir de 2000, o país abriu seu mercado e, desde então, as exportações aumentaram significativamente, de forma que a Rússia passou a ser o principal mercado importador de carne suína brasileira. No período de 2005 a 2015, esse país foi o destino de 49% das exportações do produto brasileiro (MENDONÇA et al, 2017). Além disso, a forte tendência do IOR mostra que as exportações estão cada vez mais orientadas para este bloco.

A análise para Hong Kong mostrou que os valores do IOR foram maiores que a unidade em todo o período analisado, indicando que as exportações de carne suína estão orientadas para este país. O IOR nos anos de 1999 e 2000 demonstraram uma alta orientação das exportações para esse país, maior do que a orientação para Rússia e Singapura. Contudo, após esse período, o índice apresentou uma tendência decrescente, evidenciando uma reorientação das exportações, o que pode ser explicado por um aumento mais que proporcional na exportação de outros produtos brasileiros para Hong Kong (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, MAPA, 2017).

Para Singapura, as exportações foram pouco orientadas nos anos de 1999 e 2000. Mas, nos anos seguintes, o IOR foi maior que a unidade, e, além disso, a tendência do índice foi crescente, implicando que as exportações estão cada vez mais orientadas intrabloco.

O Brasil possui um forte potencial de produção e de exportação de carne suína. Ao analisar as exportações para os países intrabloco (Figura 3) no período de 1999 a 2017, percebe-se que a Rússia, ao longo do tempo, tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil, mesmo com as quedas das exportações para este país causadas pela imposição das medidas técnicas e sanitárias a partir dos anos de 2012 (Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio, MDIC, 2017).

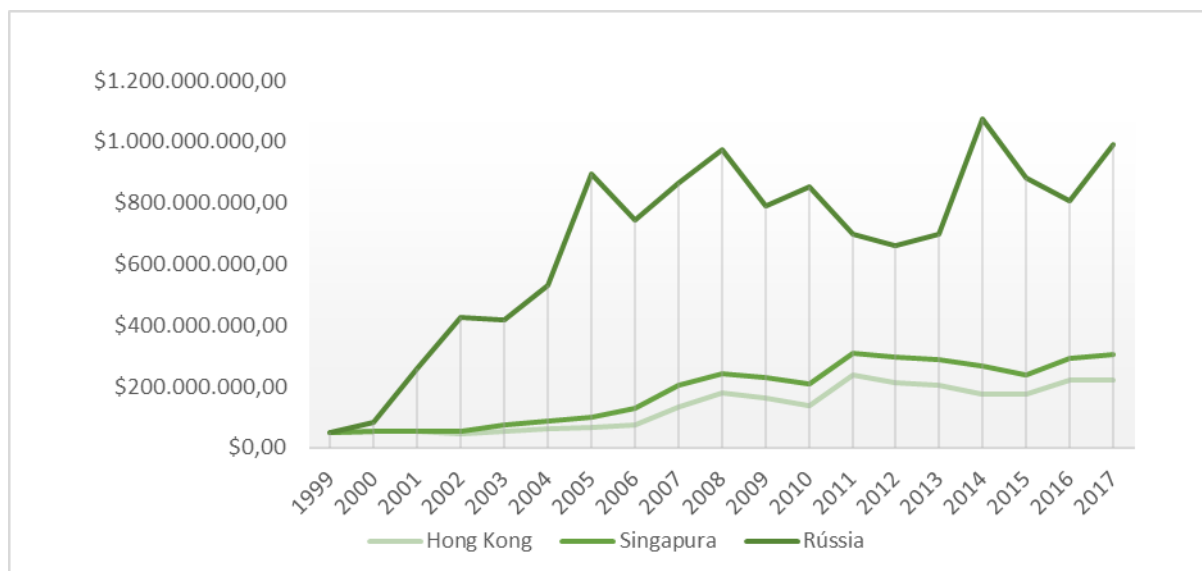


Figura 3 - Exportações Brasileiras para os países da Rússia, Hong Kong e Singapura (1999-2017)

Fonte: SISCOMEX (2018)

Questões relativas à saúde e bem-estar dos animais, assim como a qualidade da carne são fatores condicionantes para a eficiência da ampliação das exportações da carne suína para o mercado consumidor internacional, principalmente em razão das diversas barreiras fitossanitárias que são impostas pelos demais países, cujo descumprimento afeta negativamente as exportações brasileiras e a competitividade do setor.

4.2.3 Análise da Taxa de Cobertura (TC)

O último indicador analisado é a taxa de cobertura (TC) (Tabela 3), que correlaciona as exportações e as importações de carne suína. Através deste indicador, é possível observar a importância do produto para a balança comercial brasileira.

Tabela 3- Taxa de Cobertura da carne suína no Brasil (1999-2017)

Anos	TC
1999	313,97
2000	2112,73
2001	3479,30
2002	7497,16
2003	11373,73

2004	14924,55
2005	23254,43
2006	13060,26
2007	7263,13
2008	15353,14
2009	25857,47
2010	13391,78
2011	35660,22
2012	13972,96
2013	5981,11
2014	7800,93
2015	10805,53
2016	18554,67
2017	4369,27

Fonte: Elaborado pelos autores

Constatou-se, ao longo do período analisado, que a taxa de cobertura foi maior que a unidade, ou seja, a carne suína contribuiu de forma positiva na balança comercial, já que as exportações foram maiores que as importações. O Brasil figura entre os maiores exportadores, todavia, não está entre os maiores importadores do produto, o que lhe garante resultados positivos, acima da unidade para este índice.

As exportações brasileiras de carne suína apresentaram uma tendência crescente na maior parte do período analisado. Portanto as variações da taxa de cobertura podem ser explicadas pelas variações nas importações de carne suína que oscilaram consideravelmente durante o período, ou seja, em alguns momentos, as importações de carne suína aumentaram mais que proporcionalmente em relação às exportações de carne suína. “O Brasil vem se consolidando no mercado mundial de carne suína e tem potencial para ampliar ainda mais sua participação relativa nesse mercado. Como consequência, a cadeia produtiva tem se organizado no sentido de atender a demanda do mercado externo e prospectar novos mercados” (TALAMINI; FERREIRA, 2006, p.5).

“As exportações passaram a ter importância significativa para a produção de suínos, pois, de um lado, absorve o excedente interno de produção permitindo a ampliação da produção interna e, por outro, possibilita melhor remuneração para a atividade” (GONÇALVES; PALMEIRA, 2006, p.6).

5 CONCLUSÕES

Este estudo buscou analisar a competitividade das exportações brasileiras de carne suína no período de 1999 a 2017. Para a análise, utilizaram-se o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas, de Orientação Regional e a Taxa de Cobertura.

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas mostrou que as exportações brasileiras apresentaram vantagem comparativa em todo o período analisado, sempre com valor maior que a unidade. Apesar das vantagens, existem alguns obstáculos, a saber: as barreiras tarifárias e não tarifárias, especialmente as fitossanitárias; o efeito da taxa de câmbio nos custos dos insumos importados; o suprimento de milho, que é um

dos principais componentes de ração para o suíno. A superação desses obstáculos contribui para o aumento da competitividade setorial.

Em relação ao Índice de Orientação Regional, foi possível observar que as exportações estão orientadas para Rússia, Singapura e Hong Kong. Na análise da taxa de cobertura, fica evidente a superioridade das exportações em relação às importações de carne suína. Esse índice corrobora a conclusão de que a carne suína brasileira é competitiva frente ao mercado internacional, apesar das dificuldades históricas e tradicionais causadas pela falta de infraestrutura, de logística, excessiva burocracia, que geram entraves ao desenvolvimento do Brasil em relação a outros países.

Entre as limitações do trabalho, ressalta-se que os índices utilizados são estáticos, ou seja, desconsideram alterações em fatores econômicos como barreiras comerciais, variações no consumo interno, subsídios, condições climáticas, entre outros. Seria relevante em estudos de competitividade utilizar modelos de Equilíbrio Geral Computável e de Alocação Espacial, que possibilitam mensurar impactos de políticas econômicas e simular cenários mais complexos.

REFERÊNCIAS

ABIPECS – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA EXPORTADORA DE CARNE SUÍNA. **Relatório Anual**. 2005. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8876925-Membros-do-conselho-diretor.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2018.

ABPA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Relatório Anual**. 2018. Disponível em: <<http://abpa-br.com.br/storage/files/relatorio-anual-2018.pdf>>. Acesso em: 08 de setembro de 2018.

ABPA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Relatório Anual**. 2017. Disponível em: <http://abpa-br.com.br/storage/files/3678c_final_abpa_relatorio_anual_2016_portugues_web_reduzi_do.pdf>. Acesso em: 08 de setembro de 2018.

BALASSA, B. **Trade liberalization and “Revealed” comparative advantage**. Oxford: Manchester School of Economic and Social Studies, 1965. P.99-123.

BELLONIA, C. P. C.; SILVA, O. M. Indicadores de barreiras não-tarifárias nas exportações de carne no Brasil. **Informe Gepec**, v 11, n 1, jan/jun 2007, p. 1-16. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/1097/923>>. Acesso em: 11 de outubro de 2018.

CASSUCE, F. C. C. **A influência da taxa de câmbio no valor das exportações brasileiras, na ótica da abordagem das elasticidades**. 2004. 119 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) -Universidade Federal De Viçosa. Viçosa, MG, 2004.

COLLE, A. C.; CAETANI, M. I.; TRINDADE, C. S.; ALVIN, A. M. **Análise das vantagens comparativas e orientação regional das exportações das carnes suína, bovina e de frango do Rio Grande do Sul entre 2000 e 2013**. 2014. Disponível em:<

<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/201405267eeg-mesa15-analisevantagenscomparativasorientacaoregional.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

COMEXSTAT. Exportação e Importação Geral.

Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/en/geral>>. Acesso em: 04 de agosto de 2018.

EMBRAPA - SUÍNOS E AVES. Relatório de avaliação dos impactos das tecnologias geradas pela Embrapa. 2017. Disponível

em:<http://bs.sede.embrapa.br/2016/relatorios/suinoseaves_2016_suinoms115.pdf>. Acesso em: 08 de setembro de 2018.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS-FAO. FAOSTAT. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data>>. Acesso em: 05 de abr. 2018.

GONÇALVES, R. A teoria do comércio internacional: uma resenha. 2014.

Disponível em:

<http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/resenha_comercio_internacionalreinaldogoncalves.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

GONÇALVES, R.G.; PALMEIRA, E. M. Suinocultura Brasileira. Revista Acadêmica de Economia, n 71, dezembro de 2006. Disponível em:

<<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/06/rgg.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

LIMA, C. E.; MARTINS, T. C.; SOLDADO, G. V.; SILVA, R. S. Caracterização das exportações e da competitividade internacional do complexo de carnes brasileiro.

2012. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/285055333>>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

MAPA - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio. Balança Comercial e Balança Comercial do Agronegócio. Brasília. 2018. Disponível em: <

<http://www.agricultura.gov.br/importacao-e-exportacao>>. Acesso em 18 de agosto 2018.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação e Importação. 2018. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

MENDONÇA, T. G.; CARVALHO, D. E.; REIS, M. P. O. Exportações brasileiras de carne suína Medidas técnicas, sanitárias e fitossanitárias. Revista de Política Agrícola, ano 26, n. 3, p. 124-141, Jul./Ago./Set. 2017. Disponível em:

<<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/revista-de-politica-agricola/revista-de-politica-agricola-no-3-2017>>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

RUBIN, L. S.; ILHA, A.; LOPES, T. A. M. Exportações de carne suína: performance e possibilidades frente à eliminação de barreiras. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, Volume 14, No. 1, p. 28-45, 2012. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87823354003> >. Acesso em: 06 de setembro de 2018.

SALVATORE, D. **Economia internacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

TALAMINI, E.; FERREIRA, G. M. V. **Mercado Internacional da Carne Suína: variáveis que Influenciam no número de países importadores**. Passo Fundo: FEAC, 2006. Disponível em: < <http://www.sober.org.br/palestra/2/566.pdf> > Acesso em: 18 de outubro de 2018.

THE WORLD BANK. **Goods exports (BoP, current US\$)**. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/BX.GSR.MRCH.CD?view=chart>>. Acesso em: 02 de setembro de 2018.

YEATS, A. Does Mercosur's Trade Performance Raise Concerns about the Effects of Regional Trade Arrangements? **Policy Research Working Paper**, The World Bank, n. 1729, 1997.